

Dr. David Turner, Matthew

Aula 12A – Mateus 27: Paixão de Jesus II: Audiência Romana, Crucificação e Morte

Bem-vindos à aula 12a de Mateus. Nesta aula, nossa segunda aula sobre a paixão de nosso Senhor, abordaremos, em Mateus 27, a audiência de Jesus perante as autoridades romanas, Sua crucificação e Sua morte. Começaremos com a história patética de Judas chegando à sua conclusão com o suicídio de Judas em Mateus 27, versículos 1 a 10.

Primeiro, vamos expor brevemente esta passagem e, em seguida, fazer alguns comentários sobre a traição de Judas em comparação com a negação de Pedro. Mateus 27:1 a 10 começa como a continuação da narrativa do julgamento de 26:57 a 68, que foi interrompida pela narrativa das negações de Pedro em 26:69 a 75. Mas, após 27:1 e 2, o assunto muda para a narrativa do suicídio de Judas em 27:3 a 8, que é vista por Mateus como o cumprimento da profecia de 27:9 e 10.

O padrão narrativo de Mateus ao longo da narrativa da paixão tem sido o de entrelaçar histórias sobre personagens secundários e questões à história principal dos sofrimentos de Jesus. Alguns desses personagens secundários e questões foram abordados em passagens como 26:6 a 13, 26:20 a 35 e 27:3 a 10. E estes se entrelaçam basicamente com o foco em Jesus e Sua paixão.

Em 27:9 e 10, a compreensão característica e típica de Mateus do Antigo Testamento, expressa por meio de uma fórmula de cumprimento, ocorre pela última vez em seu evangelho. Mateus aparentemente entende o pastor condenado à matança em Zacarias 11:7 como correspondendo a Jesus, e as 30 moedas de prata lançadas ao oleiro na casa do Senhor em Zacarias 11:13 como correspondendo ao dinheiro que Judas jogou no templo, sendo usado pelos principais sacerdotes no campo do oleiro. Mateus não inventa essa história para se adequar a Zacarias, mas lê os profetas com o objetivo de encontrar padrões no Antigo Testamento nos quais uma pessoa ou evento do Antigo Testamento antecipa algo da vida e do ministério de Jesus.

Agora, a traição de Judas e a negação de Pedro. É interessante comparar e contrastar o remorso de Pedro após seu lapso temporário, 26:75, com o de Judas após seu ato de traição definitiva. Ambos os atos foram, sem dúvida, desprezíveis, mas o de Pedro empalidece em comparação com o de Judas.

Pedro retorna a uma vida de seguidores de Jesus e é restaurado ao seu ofício especial na igreja, 28:18 a 20. Compare com o Evangelho de João 21:15 e seguintes. Mencionar o ministério proeminente de Pedro na igreja primitiva é insistir no óbvio.

Pedro mudou. Mas o remorso de Judas não se aproxima de um arrependimento genuíno para a salvação. Isso fica claro não tanto pelo uso de uma palavra grega diferente para arrependimento em 27:3, a palavra *metamelomai*, que é diferente da palavra *metanoia*, arrependimento, ou *metanoeo*, arrepender-se.

É verdade que Judas reconheceu seu pecado e devolveu o dinheiro pago pelo seu sangue. Mas Judas nunca tenta buscar o perdão de Jesus ou se juntar aos discípulos. Seu suicídio é um sinal de desespero, não de arrependimento.

Em Mateus, o arrependimento é demonstrado por obras retratadas como frutos. Passagens como 3:8 a 10:7, 16 a 20 e 13:38 a 40 deixam isso claro. Judas é lembrado por seu suicídio, que em si é uma violação do sexto mandamento de Êxodo 21:23.

Em vista de passagens como Mateus 26:24 e Evangelho de João 6, versículo 70 e 17:12, não podemos alimentar qualquer esperança de que Judas fosse uma pessoa salva. Em vez disso, devemos ser advertidos porque ele estava perdido. Judas é às vezes visto por estudiosos cristãos como um erro grave, típico do povo judeu como um todo.

Assim como os corruptos eruditos judeus da época de Jesus não representam a nação como um todo, muito menos o povo judeu de qualquer época posterior, Judas também não o representa. Judas não deve ser visto como um exemplo típico do povo judeu de sua época ou de qualquer outra época. Jesus chamou doze discípulos, e todos eles eram judeus.

Apenas um deles traiu Jesus e se perdeu. Os onze foram restaurados ao ministério para o seu Messias e se tornaram o fundamento da igreja. O fato de a igreja ter se tornado rapidamente um corpo predominantemente gentio é um mistério da sabedoria e soberania divinas, de acordo com Romanos 9 a 11.

Mas os crentes gentios jamais devem esquecer as raízes judaicas de sua fé. E agora passamos para a segunda etapa do julgamento de nosso Senhor, ou sua audiência perante Pilatos em 27, versículos 11 a 26. Primeiro, para expor brevemente esta passagem, o julgamento de Jesus perante Pilatos envolve dois ciclos de interrogatório, 27:11 e 26:12, 14, seguidos por uma explicação sobre a libertação costumeira de prisioneiros na Páscoa e a presença de Barrabás em 27:15 e 16.

Em seguida, há dois ciclos de Pilatos perguntando à multidão quem eles preferiam que fosse solto, em 27:17 a 20 e 27:21, seguidos novamente por dois protestos de inocência de Jesus por Pilatos, em 27:23, 27:24 e 25. Estes são seguidos pela entrega de Jesus para crucificação, em 27:26. Além de Pilatos e da multidão, há dois outros personagens nesta breve história: a esposa de Pilatos, que é a favor de Jesus, em 27:19, e os principais sacerdotes e anciãos que, é claro, são contra Jesus, em 27:12.

Infelizmente, tanto a multidão quanto Pilatos são influenciados pelos líderes judeus, não pela esposa de Pilatos. Pilatos se apresenta nesta história não de forma positiva, como alguns disseram, mas de forma patética. Ele está disposto a ser cúmplice de algo que sabe ser injusto apenas para evitar problemas com os líderes judeus.

Em Mateus 27:20 a 25, há outra questão importante a respeito do antissemitismo. Mateus 27:20 a 25 se une a Mateus 23 como uma passagem frequentemente citada como descaradamente antissemita. Alguns concluem que Mateus retrata Pilatos positivamente a fim de exonerar ou isentar os romanos e indiciar ou incriminar os judeus, conforme o comentário de Hill.

Mas a representação de Pilatos feita por Mateus não é tão positiva assim. Ela é coerente com outras fontes antigas ao apresentar Pilatos como inseguro e injusto. Pilatos sabe que Jesus é inocente, mas não intervém para impedir o erro judiciário.

Ele sabe que Jesus deveria ser solto em vez de Barrabás, mas cede aos desejos da multidão porque é conveniente fazê-lo. Sua lavagem simbólica das mãos é pateticamente inadequada e hipócrita, vinda de alguém encarregado pelo Imperador de administrar a justiça na Judeia. A lavagem das mãos visa mostrar que Pilatos não consente com o desejo da multidão.

Mas desde quando a multidão manda? Se Pilatos não consente, ele também não deve permitir. Pilatos é visto como um governante covarde que abdica de sua responsabilidade. Sua única preocupação é como tudo isso o afeta.

Falta-lhe coragem suficiente para seguir o conselho da esposa e deixar Jesus em paz. Davies e Allison comentam: O título de Pilatos é irônico. O governador deixa o governo para outros.

Assim, Pilatos tem que compartilhar a culpa por permitir que Jesus fosse crucificado. Mas o que dizer do famoso texto de Mateus sobre o libelo de sangue, 27:25, em que a multidão toma o sangue de Jesus sobre si e sobre seus descendentes? Será que esse texto pretende inculpar os judeus como nação para sempre? Em resposta à atitude de Pilatos de lavar as mãos e negar a responsabilidade pela morte de Jesus, a multidão claramente aceita essa responsabilidade por si e por seus filhos. Essa passagem tem sido frequentemente entendida ao longo da história da Igreja como um ensinamento de que os judeus, como nação, devem ser vistos como desprezíveis assassinos de Cristo.

Observe os comentários de Baer sobre esse ponto. Essa interpretação é patentemente falsa à primeira vista, visto que todos os fundadores da igreja eram judeus e muitos judeus creram em Jesus ao longo da história da igreja. Mateus é um

judeu escrevendo para judeus cristãos em conflito com judeus não cristãos sobre a identidade de Jesus, o Messias judeu.

Uma maneira pela qual os cristãos repudiaram o libelo de sangue é considerar Mateus 27:25 como ficção. Baer é um deles. Mas isso apenas acrescenta um erro sobre a historicidade da passagem ao erro anterior sobre seu significado.

À primeira vista, o texto limita-se aos presentes diante de Pilatos e seus filhos, não aos judeus como nação, naquela época ou em qualquer outra. O comentário é feito no calor do momento, não como uma proposição teológica cuidadosamente fundamentada. Não há garantia de que um Deus de graça obrigaria a multidão a cumprir sua declaração precipitada, assim como os doze discípulos não seriam considerados imperdoáveis por abandonarem Jesus e Pedro por negá-lo três vezes.

E certamente não há garantia de que um Deus de justiça perdoará Pilatos por sua timidez e pela falsa demonstração de limpeza de mãos. Se algo fica claro no Evangelho de Mateus, é que Jesus veio para chamar pecadores. Eles são exemplificados por pessoas notórias como cobradores de impostos e prostitutas em passagens como 9:13 e 21:31. Pecadores como esses provavelmente seriam predominantes na multidão que assumiu a responsabilidade pelo sangue de Jesus, e não há dúvida de que, na teologia de Mateus, tais pecadores seriam perdoados mediante arrependimento.

Também fica claro no Evangelho de Mateus que Jesus reserva suas críticas mais severas aos líderes religiosos, que considera hipócritas. Talvez esse tema seja uma parte importante da resposta ao libelo de sangue de Mateus 27:25. Nota-se em 27:20 que foram os principais sacerdotes e anciãos que persuadiram a multidão a pedir Barrabás. Se os contemporâneos judeus de Jesus constituíam uma geração especialmente perversa, como afirmado em 12:45 e 23:36, era em grande parte porque seus líderes eram eles próprios especialmente perversos.

Esses líderes corruptos de Israel são os culpados pela declaração infeliz da multidão em 27:25 e, portanto, pela aquiescência sem princípios de Pilatos ao pedido inflamado da multidão. Isso se coaduna perfeitamente com o tema mithiano dos conflitos de Jesus com os líderes de Israel. Em certo sentido, esses líderes são responsáveis pelo sangue de Jesus, mas, no sentido mais profundo, todos os humanos, judeus e gentios, são responsáveis por Jesus derramar seu sangue para perdoar pecados e inaugurar a nova aliança.

Em última análise, então, são aqueles que não creem em Jesus, judeus e gentios, que serão responsabilizados por seu sangue. Agora, passamos para a próxima seção, onde finalmente chegamos, após muitas insinuações de Mateus e previsões diretas de Jesus sobre sua crucificação. Primeiro, expomos a passagem, depois abordamos

algumas alusões ao Antigo Testamento, novamente a questão do antissemitismo, e então discutimos brevemente a crucificação.

A narrativa da crucificação é uma história sequencial de cada etapa do processo macabro. A história começa com a ação dos soldados zombando de Jesus em 27:27-31, convocando Simão para carregar a cruz em 27:32, chegando ao Gólgota em 27:33, oferecendo vinho em 27:34, crucificando Jesus em 27:35, apostando suas vestes também nesse versículo, observando a crucificação posteriormente em 27:36 e colocando uma placa descrevendo a identidade de Jesus. A próxima seção é uma inclusão emoldurada pela menção dos revolucionários que foram crucificados de ambos os lados de Jesus em 27:38-44. O tema aqui é a zombaria, seja pelos espectadores em 27:39-40, pelos líderes judeus em 27:41-43 ou pelos próprios revolucionários em 27:44. Assim como Jesus foi tentado três vezes em Mateus 4, aqui ele é zombado três vezes.

Mas a tentação e a zombaria se concentram na filiação de Jesus. Tanto o diabo quanto os vários zombadores de Jesus o confrontam com a alternativa de reinar sem sofrimento, mas em ambas as ocasiões Jesus não aceita isso. A zombaria dessa passagem é especialmente irônica, visto que Jesus é realmente o filho de Deus.

O templo será destruído dentro de uma geração. Jesus, de fato, salva outros. Ele é o rei de Israel.

Ele confia em Deus, e Deus está extremamente satisfeito com ele. Ele não desce da cruz, mas vence a morte. Cada ponto de ridículo é, de fato, eventualmente demonstrado como verdadeiro.

Assim, de uma forma muito estranha, os zombadores são evangelistas involuntários. A ironia nunca é mais pronunciada do que nas ações dos soldados que vestem Jesus como um rei e fingem prestar-lhe homenagem em 27:27-31. O que os soldados representam em brincadeira cruel é profético do que realmente acontecerá um dia. Após sua crucificação, Jesus será exaltado como o glorioso Filho do Homem e receberá toda a autoridade.

28:18. Sua mensagem sobre o governo de Deus conquistará súditos voluntários de todas as nações da Terra. No fim dos tempos, ele retornará como rei e se assentará em seu trono glorioso, de acordo com 25:31. As coisas nem sempre são o que parecem, e às vezes são exatamente o oposto do que parecem. Listamos para você as alusões ao Antigo Testamento nesta passagem, que são bastante proeminentes.

Elas podem ser encontradas em seus materiais suplementares, na página seguinte ao esboço desta palestra, na página 50. Observe especialmente a citação repetida do Salmo 22 nessas citações e alusões. E não vamos nos aprofundar mais na palestra para examiná-las.

Isso é algo que talvez lhe interesse fazer por conta própria. Novamente, temos que lidar com a questão do antissemitismo aqui. É significativo que talvez os zombadores mais cruéis de Jesus na narrativa da crucificação sejam os gentios em 27:27-31. Isso põe em questão a identificação simplista dos judeus com a rejeição de Jesus e dos gentios com a recepção de Jesus, presente em algumas interpretações equivocadas da teologia de Mateus.

Há exemplos em Mateus de judeus que amam Jesus e de gentios que o odeiam. France, em seu volume de 1985, exagera ao comentar 27:44 quando afirma que a rejeição total de Jesus por seu povo é completa. Na verdade, nem todos os escarnecedores na narrativa da crucificação são judeus, 27:27-31, e nem todos os judeus são escarnecedores, segundo 27:55-57. Portanto, Mateus não deve ser acusado de ter uma visão incondicionalmente negativa dos judeus, nem de uma visão igualmente incondicionalmente positiva dos gentios.

Agora, algumas notas sobre a crucificação, que deve ser o método de execução mais horrível já imaginado. Primeiro, uma perspectiva histórica. A crucificação era um castigo cruel e incomum, para dizer o mínimo.

Josefo fala dela dessa forma, assim como outros escritores antigos. Os romanos a utilizavam nos casos de escravos, criminosos notórios e insurgentes para fazer uma declaração política. A crucificação afirmava o domínio de Roma sobre os povos conquistados, tornando um exemplo macabro qualquer um que ousasse perturbar a paz romana, a Pax Romana.

Segundo Josefo, era frequentemente utilizado durante o cerco de Jerusalém em 70 d.C. Embora as práticas variassem um pouco, a crucificação frequentemente envolvia cravar um prego longo nos tornozelos da vítima, no poste vertical da cruz, e cravar pregos nas mãos ou pulsos estendidos da vítima, na trave horizontal da cruz. Observe Lucas 24:39, João 20:25 e Colossenses 2:14 a respeito do prego.

A causa médica precisa da morte por crucificação não é clara. Acredita-se comumente que as vítimas morriam de asfixia, ou seja, falta de ar. Elas acabariam tendo dificuldade para sustentar o peso com as pernas.

Então, ficava cada vez mais difícil respirar pendurado pelos braços. Esse processo horrível podia levar dias. Às vezes, os executores quebravam as pernas das vítimas para acelerar o processo, mas no caso de Jesus, isso não era necessário, de acordo com João 19:31-33. Outra teoria é que a desidratação e a perda de sangue devido aos açoites e ferimentos causados pelos pregos antes da crucificação causariam a morte.

Agora, uma perspectiva teológica sobre a crucificação. A narrativa da crucificação em Mateus é o ápice da história da rejeição de Jesus. Ela enfatiza a maneira como as diversas partes, os espectadores, os líderes judeus e os revolucionários crucificados com Jesus, todos o insultam.

A crucificação, em seu pensamento, desmascara Jesus como um pretendente impotente ao ofício messiânico. Mas Jesus não é o tipo de messias militar que eles esperam que remova o jugo opressor de Roma. Jesus e João, antes dele, exigem arrependimento individual dos judeus, não guerra contra Roma.

Os valores messiânicos de Jesus são sintetizados com mais clareza em Isaías 12:14-21. Ali, os fariseus planejam matar Jesus porque, na visão deles, sua cura no sábado equivale a um trabalho. Mas, em resposta, Jesus se afasta do conflito e aconselha silêncio sobre a cura. Isso cumpre Isaías 42:1-4, que fala do servo como aquele que agrada ao Pai, que é dotado do Espírito, que proclama e não promove a insurreição nas ruas e que se torna a esperança dos gentios.

O reino não é construído pela espada, 26:52, mas por um discípulo arrependido de cada vez. Nesse modelo messiânico, a justiça não é alcançada por proezas militares, mas pelo arrependimento individual e pelo serviço humilde ao próximo. Mas a religião judaica não aceita isso.

Além de modelar os valores do reino, a crucificação realiza a redenção necessária para que esses valores sejam praticados. Jesus salva seu povo dos seus pecados, 1:21, dando sua vida como resgate por eles, 20:28. Esse resgate envolve o derramamento sacrificial de seu sangue para que seus pecados sejam perdoados, 26:28. A Torá pronuncia uma maldição sobre qualquer um que seja pendurado em um madeiro, Deuteronômio 21, versículos 22 e 23. Compare Isaías 53, versículos 3-6.

Outros autores do Novo Testamento desenvolveram essa noção seguindo a linha do sacrifício vicário. Na cruz, Jesus suportou a maldição e a penalidade pelos pecados de seu povo para que eles próprios não tivessem que suportar essa maldição. Há alusões sutis a Deuteronômio 21, versículos 22 e 23, em passagens como Atos 5:30, 10:39, 13:29 e 1 Pedro 2:24. Paulo cita explicitamente Deuteronômio 21, versículos 22 e 23, e Gálatas 3:13, ambos no sentido de que Jesus tomou sobre si a culpa de seu povo e seus pecados, e assim alcançou seu perdão e redenção.

Veja passagens como Romanos 3:24-26, 1 Coríntios 1:23-24, 2 Coríntios 5:21 e 1 Timóteo 2:6. Paulo desenvolve a teologia da crucificação ainda mais, ensinando que o crente em Jesus se tornou vitalmente identificado com Jesus na morte para a velha vida de pecado em solidariedade com Adão, e na ressurreição para uma nova vida em solidariedade com Jesus. Portanto, Paulo fala de nós termos morrido com Cristo e ressuscitado para uma nova vida em passagens como Romanos 5:12-6:11, 1 Coríntios 15:20-22, Gálatas 2:20-6,14, Efésios 2:1-6 e 4:22-24, Colossenses 2:8-15 e

3:1-4. A compreensão de Paulo sobre o efeito redentor da cruz também desenvolve a ênfase de Mateus na missão aos gentios, visto que a nova vida em Cristo é vivida em comunidade com todos os que creem em Jesus, sejam judeus ou gentios. Veja Romanos 15:7-12, Efésios 2:11-22 e Colossenses 3:9-11. Agora, vamos ao mais impressionante dos eventos do Evangelho de Mateus: o relato da morte de Jesus nos versículos 45-56, escrito por Mateus.

A morte de Jesus é o evento para o qual toda a narrativa de Mateus aponta. Em certo sentido, Mateus 1:25 é a introdução à narrativa da paixão, nos capítulos 26 a 28, e a peça central da narrativa da paixão é a morte de Jesus. A narração de Mateus sobre a morte de Jesus é muito semelhante ao seu material anterior sobre a crucificação.

Ele poupa os detalhes do evento em si e, em vez disso, enfatiza as ações de outros, repletas de ironia e ilusões do Antigo Testamento. A morte de Jesus é acompanhada de escuridão e resulta em um terremoto devastador. A própria natureza, portanto, testemunha o significado sinistro e epocal do evento.

A assombração direta de Jesus cessa em 27:46, e o grito desolado de Jesus ali perfura a escuridão com algumas das palavras mais profundas de toda a Bíblia. Como alguém que era unicamente o Filho de Deus, em termos de passagens como 1:23, 3:17, 11:27, 16:16 e 17:5, pôde ser abandonado por Deus é, segundo Hagner, um dos mistérios mais impenetráveis de toda a narrativa do Evangelho. Amém.

Isso não representa uma perda de fé por parte de Jesus, mas a expressão da mais profunda dor imaginável por ter sido abandonado por seu Pai. No entanto, o abandono sentido por Jesus é apenas temporário, e a vindicação está próxima. O grito de abandono de Jesus é mal compreendido por aqueles que assistem até o fim, de acordo com 27:47-49. Desconhecendo o verdadeiro significado do que aconteceu, eles imaginam que Jesus está chamando por Elias.

Embora já tivessem zombado de Jesus anteriormente, alguns deles agora parecem esperar, sem muita seriedade, que Elias venha milagrosamente resgatá-lo. Mas Jesus faz milagres para ajudar os necessitados, não para causar comoção. Além disso, ele precisa beber a última gota do cálice de sofrimento que o Pai colocou diante dele.

Sua morte equivale ao derramamento sacrificial de seu sangue como resgate que salva seu povo de seus pecados. Como aqueles em 27:27-49 não compreendem o verdadeiro significado do sofrimento de Jesus, sua especulação sobre a vinda de Elias é apenas uma forma mais sutil de zombaria. O terremoto que causou a morte de Jesus em 27:51 rasga o véu do templo e até as próprias rochas, de modo que os túmulos se abrem e as pessoas ressuscitam.

O rasgar do véu vindica Jesus, demonstrando que ele era de fato alguém maior que o templo, 12:6. A fenda das rochas e a consequente abertura dos túmulos são evidentemente uma prévia da ressurreição final garantida pela breve ressurreição de Jesus. Veja Paulo em 1 Coríntios 15:20-23 e Apocalipse 1:5 para uma descrição da ressurreição de Jesus como primícias. Apesar da rejeição de Jesus pelos líderes de Israel e do seu abandono, ainda que temporário, pelos seus próprios discípulos, há testemunhas solidárias da sua morte.

Os soldados romanos que crucificaram Jesus transformam-se em crentes de certa forma ao testemunharem a maneira como Jesus morreu e suas consequências. Eles podem não compreender tudo o que Mateus quer dizer com o título Filho de Deus, mas suas palavras indicam uma resposta positiva à luz que possuem e uma abertura para mais testemunhos dos discípulos de Jesus. É provável que alguns deles tenham se tornado discípulos.

Outro grupo, em grande parte anônimo, assistiu à morte de Jesus, sem dúvida horrorizado com a dor e as provocações, mas admirado com o terremoto subsequente. Essas são as mulheres mencionadas em 27:55 e 56, que, nos dias vindouros, são as primeiras a saber da ressurreição de Jesus, a conhecer o próprio Jesus ressuscitado e, finalmente, a contar aos discípulos sobre o ocorrido. A preeminência dessas mulheres fiéis no relato da morte de Jesus, somada à vergonhosa ausência dos discípulos, é um poderoso alerta contra o machismo na comunidade dos discípulos de Jesus.

Mateus 23:8-12 e Gálatas 3:28 são úteis nesse contexto. Agora, o sepultamento de nosso Senhor em 27:57-65. Esta passagem contém duas seções. A primeira descreve o sepultamento de Jesus, 27:57-61, e a segunda, o medo dos líderes judeus de que os discípulos roubassem o corpo de Jesus e fizessem alegações enganosas sobre sua ressurreição, 27:62-66. Ambos os pedidos, ambas as seções, envolvem um pedido feito a Pilatos e Pilatos atendendo ao pedido.

Como um todo, esta seção configura Mateus 28, na medida em que o sepultamento de Jesus e a guarda do túmulo são revertidos pela ressurreição e a fuga dos guardas. Depois de todos os abusos sofridos por Jesus neste dia, a forma como foi sepultado é, no mínimo, surpreendente. Ele poupou a ignomínia de ter seu corpo pendurado numa cruz após o pôr do sol, um pôr do sol que levou ao sábado durante a Festa dos Pães Asmos.

Isso teria, no mínimo, acrescentado insulto à injúria. Mas José intervém e encerra a história da morte horrível de Jesus, dando-lhe um sepultamento decente. Apropriadamente, este é o tratamento mais gentil que Jesus recebeu desde que a mulher anônima o ungiu para seu sepultamento em 26:6-13. O medo dos líderes judeus de que os discípulos roubassem o corpo de Jesus e passassem a enganar as

peças com falsas alegações de ressurreição parece irracional, beirando até a paranoia.

Os líderes judeus têm em alta conta os discípulos que estavam dispersos, com medo e dificilmente poderiam roubar o corpo. Mas um erro muito pior é que os líderes judeus têm em baixa estima por Jesus. Eles parecem descartar completamente qualquer possibilidade de Deus cumprir a ressurreição prometida por Jesus.

De qualquer forma, as aparições pós-ressurreição refutam a teoria do corpo roubado da ressurreição em 28.9. A conspiração resultante da ressurreição de Jesus mostra até onde a descrença irá para sustentar sua pretensa autonomia. O Livro de Atos retrata a subsequente confirmação dos piores temores desses líderes judeus. Jesus, a quem eles crucificaram, havia de fato ressuscitado dos mortos e comissionado seus seguidores a levar essa mensagem a todas as nações.

E a última decepção, entre aspas, certamente acaba sendo pior, entre aspas, do que a primeira. Não foi uma decepção, e acabou sendo melhor. Agora, um resumo e a transição para o capítulo 28.

Mateus 27 leva o drama da prisão e julgamento de Jesus perante os líderes judeus à sua terrível conclusão, quando Jesus é condenado por Pilatos, crucificado e morre. Ele é sepultado na tentativa dos líderes judeus de anular qualquer possibilidade de sua ressurreição prevista, guardando o túmulo e selando a pedra. Certamente, este é o ponto mais baixo do evangelho para os seguidores de Jesus, o Messias.

Mas a aparente vitória dos inimigos de Jesus é apenas temporária. Mateus desenvolve paralelamente dois temas contrastantes neste capítulo. Por um lado, os líderes judeus continuam seu tratamento duro, cruel e zombeteiro contra Jesus e admitem sua absoluta responsabilidade por sua execução.

Até o amargo fim, sua impressionante obstinação em oposição a Jesus continua. Por outro lado, Jesus é repetidamente justificado em meio à sua zombaria pelos oficiais de Israel e Roma. Judas, com remorso, admite a inocência de Jesus, e os líderes judeus não tentam convencê-lo do contrário em 27:4. Até Pilatos está ciente das segundas intenções dos líderes judeus e, juntamente com sua esposa, considera Jesus inocente em 27:18 e 19, 23 e 24.

A providência do Pai proporciona fenômenos meteorológicos adequados à atrocidade cometida à medida que o sol se põe e também proporciona uma espécie de vindicação em 27:51-53. Um destacamento de soldados romanos é mais perspicaz do que os líderes judeus ao interpretar esses fenômenos como demonstração de que Jesus é o Filho de Deus em 27:54. Embora seja discutível o quanto os soldados compreendiam a filiação divina de Jesus, sua confissão sincera contrasta fortemente com as provocações das multidões e dos líderes judeus em 27:40 e 43. Essa confissão

abre caminho para que Jesus ressuscitado envie seus discípulos a todas as nações, que também devem confessar no batismo o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.